

****DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DOS USUÁRIOS DE TECNOLOGIA:
LIÇÕES DE SALAS DE BATE-PAPO***

Lori A. Norton-Meier^{**}

Tradução de Cleide Lúcia da Cunha^{***}

- Angelfire: RU there? **Are you there?** (Vocês estão aí?)
- BBStar: Yo. **Yes (Sim)**
- Far2Gd: Sup? **What's up?** (E aí?)
- Angelfire: ? 4 ya **Question for you!** (Pergunta pra vocês!)
- BBStar: Shoot. (**Manda!**)
- Far2Gd: Pow! **Bum!** (Fala!)
- Far2Gd: :-)
- BBStar: **ROGL (rolling on the ground laughing)** (Rolando no chão de tanto rir)
- Angelfire: do you have to sign that Internet user thing at your school...
(**Vocês tem que assinar aquela coisa de usuário de internet na escola**)
- BBStar: Yup. **Yes (Sim)**
- Far2Gd: Uhhuh **Yes (Sim)**
- Angelfire: Whatzit mean? **What does it mean?** (E o que significa?)
- BBStar: Some bs about how we should act on-line(**Some bullshits...**)...
(**Algumas besteiras sobre como a gente deve fazer on-line**)
- Far2Gd: Dunno. :-| **Don't know (Eu não sei.)**
- BBStar: Or we loose privileges (**Ou a gente perde privilégios**)
- Angelfire: Yikes. :-o (**ããã**) (**Espanto**)
- Far2Gd: Y don't we make the rules? (**Why**) (**Por que a gente não faz as regras?**)
- Angelfire: Yay. :-) (**aham**) (**Confirmação**)

O que aconteceria se nós deixássemos a garotada criar as regras? Na representação ficcional da sessão do chat citado, quatro mulheres consideram essa

*“A technology user’s bill of rights: Lessons learned in chat rooms”, versão *on line* do Journal of Adolescent & Adult Literacy,47(7), abril de 2004,disponível em www.readingonline.org/newliteracies/jaal/4-04_column/index.html.

** Departamento de “Media Literacy”, da Universidade do Estado de Iowa, EUA.

*** Mestranda do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da FFLCH - Universidade de São Paulo.

possibilidade. Nos últimos cinco anos, eu conversei, entrevistei, interagi e investiguei a linguagem das adolescentes em salas de bate-papo, nas quais ocorre uma conversação simultânea. As discussões, freqüentemente, eram sobre nosso interesse em cultura pop - música, cinema, televisão, livros, jogos e quaisquer outros assuntos, sobre os quais valha a pena conversar.

Durante esse período, eu aprendi muita coisa com essas jovens mulheres que se juntaram à nossa conversa. Nossas discussões, freqüentemente, conduziam a divagações e questionamentos sobre as regras referentes ao uso da tecnologia, e dessas discussões foi criada uma lista de nove direitos, a qual nós nomeamos de “Declaração dos direitos das mulheres usuárias de tecnologia”:

1. Eu tenho o direito de brincar com a linguagem, a tecnologia e o que significa ser mulher.

No mundo da conversação on-line, nós fazemos experiências com a linguagem, brincamos com a tecnologia, aprendendo como utilizar os ícones e as imagens para se comunicar, além de brincar com o que significa ser mulher, na medida em que assumimos diferentes personalidades on-line; nós exploramos quem somos como seres humanos e quem nós podemos ser. [Watson and Zlotolow \(1999\)](#) citam os seguintes aspectos para brincar:

- Brincar é prazeroso.
- Brincar é um processo sem produto final
- Brincar não é limitado às rotinas ou roteiros convencionais.
- Brincar é um processo ativo.
- As regras e a estrutura de brincar evoluem de acordo com a ocorrência do brincar.
- Brincar desperta um efeito positivo nas crianças
- Brincar é avaliado pelos participantes.
- Brincar é relacionado às áreas do desenvolvimento infantil e fornece uma espécie de alicerce para um desenvolvimento posterior mais complexo.

Todos esses aspectos de brincar estão em atividade e são perceptíveis nas salas de bate-papo, na medida em que os participantes brincam com a linguagem (LOL = laugh out loud), tecnologia (😊), e sobre o que significa ser mulher (“Y don't we make the rules?”) (“Por que nós não criamos as regras?”).

2. Eu tenho o direito de interagir, ativamente, com a tecnologia e com aqueles ao meu redor.

Participar é essencial no processo de aprendizagem e é interessante para se considerar quando examinar o uso da sala de bate-papo. [Cambourne \(1989\)](#) expõe que, sem a participação, a aprendizagem não acontece, e essa participação não é de uma forma pré-determinada, ou seja, não existe um horário específico em que o aprendizado deve ocorrer, aqueles em processo de aprendizagem participam quando eles desejarem falar, aprender e interagir com a tecnologia e com aqueles ao seu redor. Quando considerarmos a importância desse tipo de uso de linguagem em nossas vidas, devemos pensar em como isso visa o rompimento das fronteiras do tempo. Sempre que você estiver pronto para falar, é muito fácil encontrar alguém on-line que também esteja procurando por uma conversação.

3. Eu tenho o direito de escolher o que eu quero com a tecnologia.

A escolha é uma chave para a motivação e, no reino das salas de bate-papo, mensagens instantâneas e dos grupos de discussão, os usuários de tecnologia têm uma variedade de escolhas, desde a mais simples como qual o tipo de escrita usar, às mais complexas, como decidir quando abandonar uma sala de bate-papo ou desligar seu computador. A escolha também está envolvida no processo de como você se “desenha” na rede, você escolhe qual é o seu apelido e qual a personalidade que você assume, por exemplo, nessa nova forma de desempenhar papéis ou atuar, uma garota de doze anos, que é muito tímida e raramente fala na escola, pode ser uma menina desembaraçada e atrevida on-line, assim, a rede se torna um lugar seguro para que ela faça suas escolhas, atue de forma inesperada e tente encontrar uma nova maneira de ver o mundo.

4. Eu tenho o direito ao suporte quando utilizar a tecnologia.

O que nós entendemos por suporte? Nas salas de bate-papo, os estudantes, freqüentemente, discutem a respeito do que eles aprendem, na escola, sobre o uso da internet, o que é informação útil e o que não é, como utilizá-la com segurança e, é claro, aquelas “regras”. Eles aplicam o que aprendem na escola, mas percebem que os professores pouco sabem sobre as atividades on-line em que eles gastam a maior parte do tempo livre.

5. Eu tenho o direito de modificar as regras e os papéis da sociedade para tornar um ambiente seguro, no qual eu pratico o que significa ser mulher.

Os participantes das salas de bate-papo freqüentemente conversam sobre a importância de um ambiente seguro, eles aprendem a abandonar uma determinada sala se o diálogo se tornar desconfortável, sendo que todos dividem suas experiências e conhecimentos sobre como utilizar a internet com segurança, já que todos os dias aparecem novas histórias sobre jovens que foram feridos e até mesmo assassinados por alguém que tenham conhecido on-line.

6. Eu tenho o direito de quebrar as regras da língua.

Os participantes das salas de bate-papo conversam sobre linguagem e aprendem lições importantes sobre como se comunicar. Quando o foco é a comunicação, ignorar as regras pode ser essencial e uma forma de jogo, como uma espécie de código secreto que apenas aqueles pertencentes a determinado grupo conhecem e são capazes de compreender, por exemplo, ROGL no diálogo citado anteriormente, significa “rolando no chão de rir” Os participantes quebram as regras, mas aprendem que, em certas circunstâncias, a mensagem é perdida se os interlocutores não entenderem o sentido das palavras ou símbolos utilizados, dessa forma, determinadas lições sobre o público-alvo são necessárias se um participante precisa construir a sua mensagem de maneira a se adequar à determinada sala de bate-papo.

7. Eu tenho o direito de descobrir o poder da linguagem na tela.

Eu fiquei perplexa com a complexidade dos atos de comunicação que testemunhei nas salas de bate-papo; os participantes por vezes se envolviam em três

conversas ao mesmo tempo. Torna-se evidente o poder da linguagem quando alguém pode se esconder atrás da tela, assumir diferentes personalidades e utilizar apenas palavras e símbolos para enviar mensagens.

8. Eu tenho o direito de expressar o sentido conforme eu inventá-lo no meu papel de usuário da língua.

Os participantes das salas de bate-papo utilizam uma língua entre a convencional, aquela que todos conhecem, e uma inventada. Eles brincam criando ícones, encurtando sentenças e inventando palavras, mas devem estar seguros de que aquelas convenções de linguagem sejam familiares aos outros, ou a mensagem corre o risco de não ser compreendida. Fazer sentido se situa no centro da comunicação.

9. Eu tenho o direito de questionar gêneros, tecnologias e o mundo ao meu redor.

Perguntar é o “coração” das salas de bate-papo, elas estão lotadas de questões e curiosidades sobre as coisas. Por vezes, esses questionamentos são sobre a perceptível parcialidade das regras da escola e de casa, ou então são perguntas sobre a opinião do grupo a respeito do estilo de música de um novo CD. Questões típicas podem ser sobre como fazer determinada coisa com o seu computador ou por que coisas ruins têm de acontecer com as pessoas na Internet.

Nem todas as questões das salas de bate-papo têm respostas fáceis, mas a indagação continua acontecendo, assim como a aprendizagem, e as oportunidades crescem para os participantes nessa nova espécie de aprendizagem comunitária. Os professores devem observar atentamente o que esse novo ciberespaço está fornecendo aos estudantes. Ele é um espaço para brincar, explorar, interagir com outras pessoas, fazer escolhas, receber suporte, quebrar regras e examinar relações de poder e confiança, sempre buscando experiências significativas em um ambiente seguro.

Nós, é claro, continuamos a questionar e, assim, as regras continuam a ser escritas.

Referências

- CAMBOURNE, B. (1989). *The whole story*. Portsmouth, NH: Heinemann.
[Back](#)
- WATSON, M., & Zlotolow, S. (1999). *More than brincar around*. Eau Claire, WI: Thinking Publications.